

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

RONALDO VALTER MATIAS

**ANÁLISE DAS COBRANÇAS DE ESCANTEIOS NOS JOGOS DAS FASES
FINAIS DA COPA DO MUNDO FIFA 2014**

FLORIANÓPOLIS

2016

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

RONALDO VALTER MATIAS

**ANÁLISE DAS COBRANÇAS DE ESCANTEIOS NOS JOGOS DAS FASES
FINAIS DA COPA DO MUNDO FIFA 2014**

Trabalho de conclusão de curso apresentado para
obtenção do grau de licenciado em Educação
Física ao Departamento do curso de Educação
Física da Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador: Prof. Dr. Juliano Fernandes da Silva.

Co-orientador: Prof. Felipe Goedert Mendes.

FLORIANÓPOLIS

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – Hab. Licenciatura

Termo de Aprovação

A Comissão Examinadora (Banca), abaixo assinada, aprova o Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia)

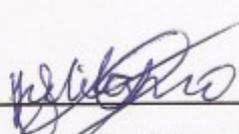
Título:

**ANÁLISE DAS COBRANÇAS DE ESCANTEIOS NOS JOGOS DAS FASES
FINAIS DA COPA DO MUNDO FIFA 2014**

Elaborada por

Ronaldo Valter Matias

Como pré-requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.
Comissão Examinadora:


Orientador(a) – Prof. Dr. Juliano Fernandes da Silva-UFSC

Co-Orientador – Prof. Felipe Goedert Mendes - UFSC

Membro – Prof. Ms. Leandro Teixeira Floriano - UFSC

Membro – Prof. Dr. Michel Saad– UFSC

AGRADECIMENTOS

Nesta página, gostaria de expressar os meus agradecimentos a todos os que tornaram possível, pela sua participação ou incentivo, a realização deste estudo:

A todos os professores que ao longo desses quatro anos e meio de universidade contribuíram para minha formação com seus saberes e orientações, em especial ao Professor Doutor Juliano Fernandes da Silva, por ter aceitado e se dedicado na orientação desse estudo.

Ao mestrando Prof. Felipe Goedert Mendes pela coorientação e disposição para sanar as dúvidas.

Ao Fábio e o Luiz que auxiliaram na análise dos escanteios, sendo essencial para a conclusão do estudo.

Ao Grupo de Pesquisa e Desenvolvimento do Futebol e do Futsal (GPdff) pelo simples fato de possibilitar o estudo do futebol com mais qualificação e conhecimento.

Ao Professor Toni Arda por ter iniciado esse projeto em sua visita à nossa universidade.

Aos amigos, pela sua AMIZADE.

Aos meus pais, irmãos e à Beatriz, pelo seu AMOR.

E por fim, e o agradecimento mais importante A Deus, por ter me cedido a vida e a oportunidade de realizar meus sonhos.

“Ao futebol, simplesmente por ser futebol.”

RESUMO

A análise do jogo (AJ) tem sido utilizada em diversos esportes, e é considerada uma alternativa essencial aos treinadores para que recolham e interpretem informações sobre o desempenho individual e coletivo dos atletas. O objetivo do presente estudo é analisar o resultado dos escanteios cobrados dos 16 jogos finais da copa do mundo FIFA 2014. Foi utilizada uma metodologia de análise observacional, com observações das ações de escanteio das equipes a partir das gravações das partidas. Um protocolo de análise foi adaptado para o estudo onde foi criado um Sistema de Categoria e códigos. Foi realizada a análise descritiva dos dados para obter valores absolutos e relativos (%). Os principais achados foram que em média o número de atacantes presentes na área durante os escanteios eram de 4 ou 5 (81,5%) e o número de defensores presentes era de 6 ou 7 (59,9%) ou de 8 ou mais defensores (38,2%). O tipo de marcação utilizada para se defender durante os escanteios foi a Marcação Mista 2 a 3 com 58,6%. Apenas 28,0% foram finalizados, em que 60,0% das finalizações foram para fora da meta, 17,8% entre as traves e 13,3% terminaram em gols, o que representa na amostra geral apenas 3,8% dos escanteios terminaram em gol.

Palavras chaves: Análise de jogo; Escanteios, Futebol.

ABSTRACT

Game analysis has been used in a number of sports and is considered an essential alternative for coaches to collect and interpret information about athletes' individual and collective performance. The objective of the present study is to analyze the results of the corner kicks from the 16 final games of the 2014 FIFA World Cup. An observational analysis methodology was used, with observations of the teams' cornering actions from game recordings. An analysis protocol was adapted for the study in which a Category System and codes were created. The main findings were that on average the number of attackers present in the area during the corner kicks were 4 or 5 (81.5%) and the number of defenders present was 6 or 7 (59.9%) or 8 or more defenders (38.2%). The type of defense used to defend during corner kicks was mixed individual and zone defense of 2 to 3 defenders 58.6% of the time. Only 28.0% of corner kicks ended with shots -- 60.0% missed, 17.8% between the goalposts and 13.3% goals, representing only 3.8% of total corner kicks ending in goals.

Keywords keys: Game analysis; Soccer; Corner kick;

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Princípios de jogo idealizado por Bayer.....	19
Tabela 2. Sistema de Categoria e códigos usados na ferramenta de observação.....	27
Tabela 3. Resultados dos escanteios em diferentes estudos.....	46

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1. Sistema de interrupções Siegle e Lames (2012)	17
FIGURA 2. Proposta para elaboração de modelos de análise de jogo	20
FIGURA 3. Posição da bola na cobrança dos escanteios	22
FIGURA 4. Zona de finalização (ZF) cobrança lado esquerdo de ataque.....	30
FIGURA 5. Zona de finalização (ZF) cobrança lado direito de ataque.....	31
FIGURA 6. Zona de finalização proposto por Rocha (2009)	42

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABP - Ações de bolas paradas

AF - Ação do finalizador

AJ - Análise de jogo

COI - Contexto de interação

FF - Forma de finalização

IP - Intervenções prévias

L - Lateralidade

LE - Lado do escanteio

MF - Modo de finalização

NDA - Número de defensores na área

NAA - Número de atacantes na área

NJP - Número de jogadores que participam da ação dentro da área

NAF - Número de ações até a finalização

PG - Peso do gol

R - Resultado

RMJ - Resultado no momento do jogo

TM - Tipo de marcação

TF - Tipo de finalização

T - Tempo da partida

ZE - Zona de envio da bola

TB - Trajetória da bola

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	
1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA.....	12
1.2 JUSTIFICATIVA.....	14
1.3 OBJETIVO GERAL.....	15
1.4 OBJETIVOS ESPECIFICOS.....	15
2. REVISÃO DE LITERATURA	
2.1 ANÁLISE DE JOGO.....	16
2.2 AÇÕES DE BOLAS PARADAS.....	21
2.3 ESCANTEIOS.....	22
3. MÉTODOS	
3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO.....	26
3.2 AMOSTRA.....	26
3.3 INSTRUMENTOS	26
3.4 PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS.....	31
3.5 TRATAMENTOS DOS DADOS	32
3.6 TRATAMENTO ESTATISTICOS.....	32
4. RESULTADOS	
ANÁLISE DESCRITIVA.....	33
5. DISCUSSÃO	37
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERENCIAS	48

1. INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

No futebol, assim como em outros esportes coletivos, a análise de jogo (AJ) já vem sendo utilizada a muito tempo (ANDERSON; SALLY, 2013). Recentemente no Brasil começou-se a perceber a importância desse setor dentro dos clubes, em que apesar do pequeno número de clubes possuírem um departamento estruturado para realizar este trabalho, existem profissionais que são responsáveis em captar as informações dos jogos de diversas maneiras (MONTANO, 2014).

As denominações utilizadas na literatura acerca deste tema são referenciadas de diversas maneiras, das quais se destacam: observação do jogo, análise do jogo e análise notacional (GARGANTA, 2001). Todavia, a expressão mais utilizada na literatura é análise de jogo (GARGANTA, 1997).

A AJ é um recurso nos dias atuais, para o futebol moderno, considerada essencial para o bom rendimento de uma equipe de futebol (GARGANTA, 2001). A coleta de informações relevantes permite aos treinadores planificar a semana de treinos da equipe de acordo com o próximo adversário, pensar em estratégias e táticas específicas, tomar decisões mais eficientes durante o jogo, ter conhecimento sobre o modelo de jogo dos adversários, da formação, da estratégia e características individuais dos jogadores adversários, bem como o estilo do treinador da equipe adversária. Neste sentido, a AJ torna-se essencial, pois se os treinadores virem a avaliar o jogo de uma forma subjetiva, acaba-se inevitavelmente construindo os treinamentos subjetivos (VIEIRA; CORREA, 2008).

Além da importância que a AJ possui relacionada diretamente ao jogo, essas informações coletadas das partidas ainda são úteis para outros objetivos de um clube de futebol como, por exemplo, a detecção de talentos nas categorias de base e/ou para contratação de novos jogadores para seu elenco principal, uma vez que a AJ retém informações relacionadas aos comportamentos táticos dos jogadores das duas equipes durante o jogo.

Segundo Garganta (2001, p.57), a partir “dos anos trinta até aos nossos dias, aumentou consideravelmente o volume de estudos de âmbito científico realizados através do recurso à observação e análise de jogo”. Este estudo realizado por Garganta destaca os primeiros estudos realizados sobre análise de jogo em diversos esportes coletivos, em que no ano de 1952 na Inglaterra Winterbottom publica o primeiro estudo sobre análise de jogo no futebol. Anderson e Sally (2013) apresentam em seu livro que a primeira evidência sobre a análise de uma partida de futebol surgiu em 1950 a partir da iniciativa de um contador chamado Charles Reep, que após assistir uma palestra sobre sistema de jogo dedicou-se a desenvolver um sistema para anotar cada lance que ocorria em uma partida, passes, chutes, cruzamentos, trajetória da bola, tudo com apenas um lápis e um caderno, assim nascia o contador futebolístico, hoje chamados de analistas de jogo ou desempenho.

A partir da década de 70 diversos estudos foram realizados direcionando-se à AJ (LUHTANEM, 1984; CASTELO, 1986; GARGANTA, 2000), em que sua maioria tratavam os diferentes aspectos do jogo como o componente tático que tratavam em sua maioria sobre a interação entre companheiros, adversários e posições dos jogadores, o componente técnico que em grande parte dos estudos visavam a análise dos passes, e o componente físico que visavam analisar distâncias percorridas e frequência cardíaca dos jogadores (DIOS, 2014). Já as “Ações de Bolas Paradas” (ABP) durante muito tempo ficaram às margens do conhecimento científico, porém nos últimos anos esse quadro se inverteu pelo fato dos pesquisadores e treinadores perceberem a importância das ABP no jogo, e por muitos terem chegado à conclusão que as ABP é uma forma eficaz de criar situações de gol (DIOS, 2014).

Os escanteios são considerados pelas equipes, treinadores e torcedores como uma oportunidade de atingir o objetivo principal do jogo, ou seja, o gol. Porém para as equipes alcançar este objetivo existem vários fatores, tais como o posicionamento dos jogadores, a forma que a cobrança é realizada, lateralidade do batedor, entre outros que interferem no sucesso ou não. Da mesma forma as equipes também se preparam para se defender nos escanteios, seja posicionando atletas em zonas específicas da área penal ou utilizando tipos de marcações específicas contra determinados adversários.

A partir destas evidências apresentada o presente estudo busca compreender os resultados dos escanteios que foram cobrados nos jogos finais da Copa do Mundo da FIFA 2014, realizada no Brasil, sendo esta a competição mais importante da modalidade. Diante disto surge o seguinte problema de pesquisa: Como ocorre as cobranças escanteios dos jogos das fases finais da Copa do Mundo FIFA 2014?

1.2 JUSTIFICATIVA

O presente estudo se justifica pela evidência do crescimento que a AJ está tendo no futebol brasileiro, em que a maioria dos clubes profissionais já possuem um setor com profissionais capacitados que analisam rendimento e colhem informações para a melhora do jogo de sua equipe. Neste sentido, para que esse mercado continue crescendo é necessário também em nosso país realizarem-se pesquisas voltadas para esse momento importante do jogo, as ações de bolas paradas, possibilitando mais referenciais teóricos visando a continuação e qualificação dos profissionais já atuantes.

Segundo Garganta (1997) “para que se atinja o rendimento desportivo em futebol, existem vários aspectos interagindo entre si”. Segundo o mesmo autor, verificou-se que “Ações de Bolas Paradas” (ABP) não constam das análises acerca da eficácia ofensiva, além de que se deve ressaltar que as ABP cada vez mais influenciam no resultado final de uma partida, já que existe um elevado número de gols a partir destas situações (CUNHA, 2006).

O estudo justifica-se também por um motivo individual do pesquisador, em que a busca pelo curso de educação física passa pela paixão pelo futebol, onde desde o início da graduação buscou interagir e estudar diretamente a modalidade, sendo um integrante ativo e um dos primeiros do Grupo de pesquisa e desenvolvimento do futebol e do futsal (GPdff¹) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

¹ O Grupo de Pesquisa e Desenvolvimento do Futebol e do Futsal UFSC tem sua sede no Centro de Desporto da Universidade Federal de Santa Catarina e realiza encontros semanais com o objetivo de discutir, pesquisar e desenvolver estudos acerca do futebol e do futsal.

1.3- OBJETIVOS

1.3.1 OBJETIVO GERAL

Analisar os escanteios cobrados nos jogos finais da Copa do Mundo FIFA 2014.

1.3.2 OBJETIVOS ESPECIFICOS

- ✓ Identificar a quantidade de escanteios ocorridos por jogo;
- ✓ Identificar a quantidade de gols ocorridos a partir dos escanteios;
- ✓ Analisar a influência dos escanteios sobre o resultado da partida;
- ✓ Identificar as principais variáveis presentes nas cobranças de escanteios.

2. REVISÃO DE LITERATURA

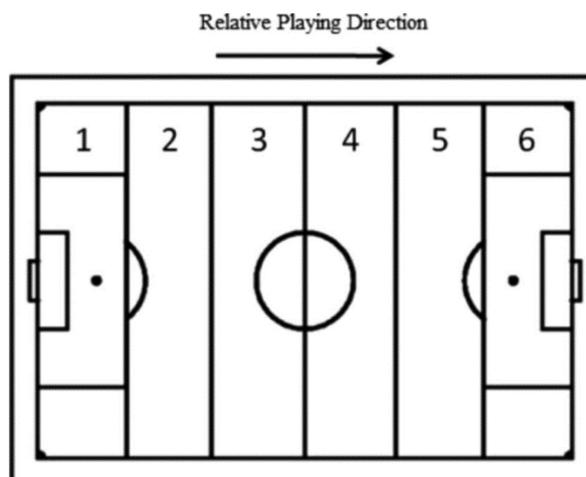
2.1 ANÁLISE DE JOGO

O futebol é um esporte que tem sofrido transformações ao longo de toda história, sejam elas técnicas, táticas, físicas, sociais e culturais. Uma das mais evidentes transformações dentro do contexto do futebol é o aumento dos diversos tipos de tecnologias, em que cada vez mais são desenvolvidos programas e softwares que buscam analisar o desempenho das equipes. Porém, apesar do contínuo surgimento de ferramentas para AJ, um método tradicional e com menor custo benefício continua em evidência, a análise observacional. A AJ a partir da observação é um meio eficaz para ter o conhecimento do jogo da equipe em todos seus âmbitos, em que as ações e os comportamentos são extraídos e podem ser modelados e automatizados nos treinamentos (LAMES; MCGARREY, 2007).

Segundo Vieira e Correa (2008), tem-se no sistema de AJ um método de observação e registro de fatos relevantes do mesmo, fazendo que o processo de análise tenha fidedignidade e validade. O treinador e/ou analista desenvolve um ambiente condutivo de informação, propiciando um desenvolvimento de aprendizagem por meio de uma qualidade de *feedback* que os atletas recebem diariamente. Neste sentido, os dados recolhidos devem ser objetivos, pontuais e de fácil compreensão, leitura e interpretação.

Para exemplificar, um estudo de caráter observacional realizado por Siegle e Lames (2012) analisou as interrupções do jogo de futebol. Para isto desenvolveram um sistema para anotações com um campo dividido em seis zonas (defesa - Zona 1, defensivo-metade Zona 2, defensivo-meados Zona 3, ofensivo-meado - Zona 4, ofensivo-metade - zona 5 e ataque zona 6) para registrar os locais em que ocorriam as paralisações.

FIGURA 1. Sistema de anotações de interrupções.



Fonte: Siagle e Lames, (2012 p. 620).

Este estudo apresentou resultados relevantes, mostrando que as interrupções são uma das principais características de um jogo de futebol e, além disso, evidencia sua natureza intermitente. Para os treinadores esta informação é útil para a compreensão da estrutura de um jogo com mais detalhes. A fim de ser capaz de simular as demandas de uma partida real de uma forma mais detalhada e precisa durante o treinamento (SIAGLE; LAMES, 2012).

A AJ é um método visto como um processo vital que permite que os treinadores recolham informações objetivas que podem ser usadas para fornecer *feedback* sobre o desempenho individual dos atletas e coletivas. Objetivo principal da AJ é identificar os pontos fortes e fracos de sua própria equipe e dos seus adversários, buscando impedir os pontos fortes dos adversários e explorando suas fraquezas (CASTELLANO; LAGO; CASAMICHANA, 2012). Um modelo de AJ também pode ser concebido de mais de uma forma, com objetivo de analisar todo o jogo ou parte dele, neste sentido pode-se, por exemplo, realizar a busca de análises mais focadas em momentos do jogo, organização ofensiva ou defensiva e transições e bolas paradas.

Silva (2006) realizou um estudo com 16 treinadores de futebol da primeira liga portuguesa, em que buscou caracterizar as percepções dos treinadores em relação à operacionalização do processo de AJ da sua equipe e das equipes adversárias (*scouting*). Os objetivos foram buscar conhecer a importância da AJ; a frequência da

sua realização; as principais pessoas envolvidas; os instrumentos e métodos utilizados; a importância atribuída pelos treinadores a diferentes eixos de análise; os principais meios de transmissão da informação à equipe e a valorização atribuída ao modelo de jogo na construção de um instrumento de AJ. Os principais resultados obtidos revelaram que é consensual a utilização da AJ, assim como o *scouting* e a AJ da própria equipe parecem adquirir a sua pertinência ao nível da planificação estratégico-tática. Confirmando esta ideia, os eixos de análise eleitos estão relacionados com a dimensão estratégico-tática do jogo em que os principais instrumentos de AJ utilizados eram predominantemente a partir de categorias predefinidas e elaboradas a partir do modelo de Jogo, para analisar o desempenho da própria equipe e do adversário.

Neste sentido, o estudo referido apresenta que as transformações visadas com o treino parecem incidir, na funcionalidade geral e específica da organização de jogo da própria equipe, já as transformações visando a aquisição de atitudes estratégicas na equipe, em função das características do adversário, não pareciam ser a primeira prioridade (SILVA, 2006). Já a forma em que as análises foram realizadas não eram sofisticadas e apenas uma minoria admite recorrer à informática. Os exercícios e o *feedback* verbal são as formas mais utilizadas para transmitir as ideias aos jogadores sobre como jogar e por fim, os meios audiovisuais (vídeos, imagens, etc.) eram mais utilizados para transmitir informações sobre o adversário (SILVA, 2006).

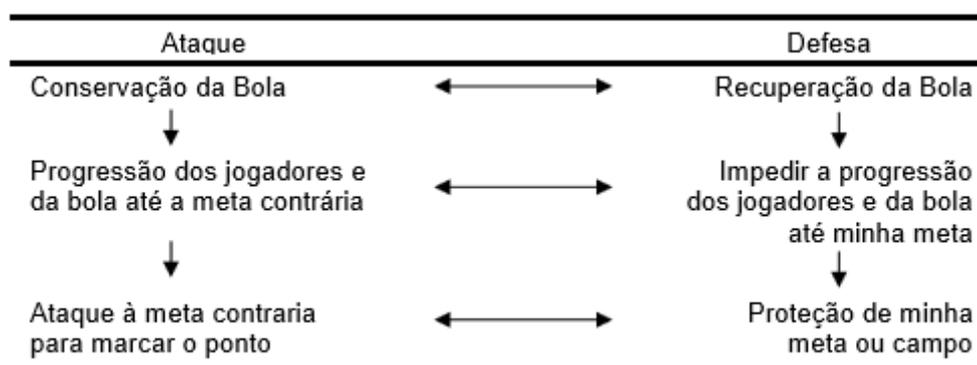
A busca por informações realizadas por meio de análise dos comportamentos e desempenho dos jogadores em diferentes contextos, jogo e treino, é um recurso fundamental para o entendimento dos processos evolutivos dos jogos esportivos, pois no futebol de alto nível, cada detalhe pode representar o êxito ou o fracasso de uma equipe (GARGANTA, 2001). Porém, outro fator que também deve ser considerado é a subjetividade por conta dos treinadores, diante disso, Garganta (2001) salienta que a análise dos jogadores e das equipes baseada quase exclusivamente na intuição dos treinadores apresenta várias vezes alguma subjetividade. Riera (1995) *Apud* Gil (2012) acrescenta que os treinadores mesmo tendo toda a experiência do campo e da observação do jogo, apresentam normalmente ser insuficientes na análise de jogo, uma vez que, as situações e os participantes diferentes e a dinâmica da competição é irreparável além das ações do

adversário serem muitas vezes imprevisíveis. Neste sentido, a AJ deve ser realizada preferencialmente por um especialista externo com o método mais conveniente aos objetivos da análise.

As três formas mais utilizadas de AJ são: análise quantitativa, que considera apenas os dados como resposta da pesquisa, a segunda é a análise qualitativa, que interpreta e tem como base a análise quantitativa e a terceira é a análise de modelação do jogo, a partir da observação de variáveis técnicas e táticas e da análise da sua variação (GARGANTA, 2001; LEITÃO, 2004 *apud* RAMOS; OLIVEIRA, 2008). Já Vieira e Correa (2008) acrescentam ainda que as qualitativas caracterizam-se em medição de performance expressa em números e qualificada por parâmetros estipulados pelo analista. Já na análise quantitativa consideram-se apenas as medições de *performance* expressadas em números, com ou sem tratamento estatístico.

Leonardo (2006) propõe que para a elaboração de um modelo de análise de jogo, deve-se ter como pressuposto inicial a delimitação de quais serão os princípios do jogo e as suas relações, baseando-se nos princípios dos jogos desportivos coletivos (JDC) de Bayer conforme tabela 1.

Tabela 1. Princípios do jogo idealizado por Bayer (1994)

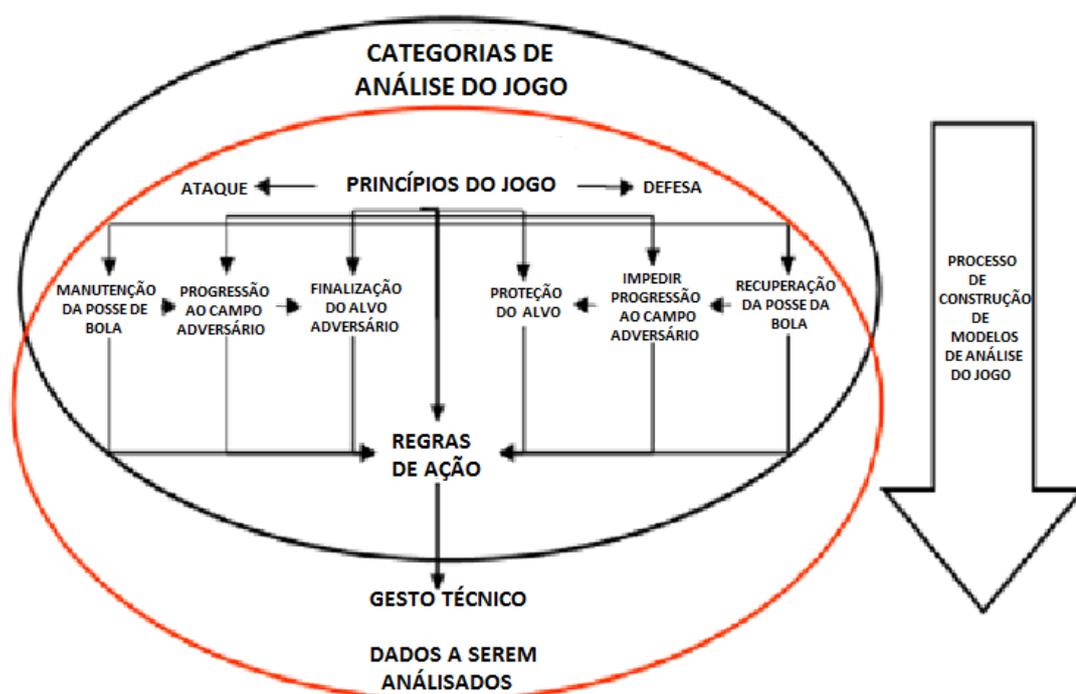


Fonte: Leonardo (2006, p. 17).

No modelo proposto, baseado nos princípios do jogo idealizado por Bayer (1994), a técnica será qualificada e quantificada apenas no fim de todo o processo de AJ.

Neste sentido, para a elaboração de modelos de AJ pautados na presente proposta, deve-se seguir o seguinte modelo:

Figura 2. Proposta para Elaboração de Modelos de Análise de Jogo



Fonte: Leonardo (2006 p. 35).

Enquanto o estudo apresentado acima se caracteriza como um método de AJ qualitativo, cabe agora apresentar um método de AJ quantitativo.

Calicchio *et al.* (2010) realizaram um estudo que objetivou analisar a incidência de gols, a cada 15 minutos de jogo, do Campeonato paulista de futebol 2009 - Série A1, A2 e A3. Analisaram um total de 634 partidas em que quantificaram 1.801 gols nos três campeonatos e concluíram que são convertidos uma maior

quantidade de gols no segundo tempo mais especificamente nos 15 minutos finais das partidas nas três divisões.

Ambos os tipos de AJ trazem informações que podem influenciar nos resultados dos jogos quando essas informações são consideradas e analisadas pelas comissões técnicas, tanto a qualitativa como a quantitativa, assim a análise do jogo e também do treino é importante para que os treinadores possam planejar, organizar e realizar o que eles desejam, influenciando e auxiliando em suas tomadas de decisões, pois por meio da AJ pode-se identificar os problemas da equipe e assim selecionar novos objetivos para uma melhor funcionalidade da equipe, incluindo as ações de bolas paradas.

2.2 AÇÕES DE BOLAS PARADAS NO FUTEBOL

São consideradas ABP todas as ações que reiniciam o jogo depois de uma interrupção regulamentada: os arremessos laterais, os tiros livres diretos e indiretos, tiros de meta, os tiros penais, bola ao chão e os escanteios. Como já apresentado anteriormente, as análises relacionadas às ABP no futebol foram durante muito tempo esquecidas pelo conhecimento científico, em que os estudos sobre análises de jogo eram dedicados às outras vertentes (técnicas, físicas, táticas e psicológicas) (DIOS, 2014).

Para que se possa ter uma noção sobre a influência das ABP no jogo, elas representam quase 38% do tempo total de uma partida de futebol, ocorrendo entre 100 e 130 interrupções por jogo, fruto de algum tipo de ABP (SIEGLE; LAMES, 2012; VALES, 2012; YAGUE, 2004 *apud* DIOS, 2014). Siegle e Lames (2012) apresentam ainda uma média de 108 interrupções por jogo em que a cada 32,1s de bola em jogo ocorrem paralisações com médias de 18,7s.

Quando direcionado a influência dos gols marcados a partir das ABP os estudos apresentam uma variação da porcentagem desses gols, isso devido aos métodos aplicados por cada pesquisador e as variáveis utilizadas, porém há uma congruência entre os resultados que cerca de 25% à 35% de todos os gols feitos são oriundos de bola em condição estática (PEREZ, 2010; FIFA, 2011; VALES,

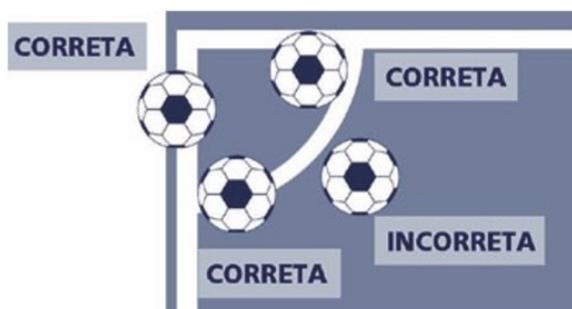
2012; NJORORAI, 2013 *apud* DIOS 2014), e em média a cada 10 gols 3 são alcançados a partir de ABP (DIOS, 2014).

2.3 ESCANTEIOS

O escanteio corresponde a 17ª regra do jogo de futebol. É uma forma de reiniciar o jogo e é concedido quando a bola ultrapassar completamente a linha de meta, seja por terra ou pelo ar, depois de ter tocado por último em um jogador da equipe defensora (FIFA, 2015).

Em 1873 surgiu a linha de fundo no campo de jogo e juntamente com ela o escanteio. A partir de 1880 foi criada a área de escanteio, 1 metro de raio a partir do ângulo final do campo (unção da linha lateral com a linha de meta), e tais dimensões estão em vigor até os dias atuais (DIOS, 2014). Para a realização da cobrança do escanteio a bola deve estar posicionada em cima de uma das linhas que formam a área de escanteio ou no interior da mesma conforme apresenta a imagem abaixo.

Figura 3. Posição da bola na cobrança de escanteio



Fonte: FIFA (2015 p.113)

O escanteio juntamente com o arremesso lateral, tiros diretos e indiretos, tiros de metas e pênaltis são ações que ocorrem durante o jogo oriundas de jogadas com bola em condição estática, porém em aspectos funcionais da equipe as ações de bola parada devem continuar refletindo os princípios de jogo da equipe.

Os escanteios podem ser classificados em três tipos: curto, médio e longo. O tiro cobrado curto se refere à presença de dois ou mais jogadores próximos da bola, em que os mesmos participam da cobrança. A cobrança de média está direcionada a um passe mais longo a um companheiro de equipe que recepciona a bola e toma a decisão de lançá-la à área ou realizar o passe novamente ao batedor inicial a fim de alterar o ângulo de cobrança do cruzamento. Por fim, na cobrança longa, a bola é direcionada diretamente à área (PIVETTI, 2012).

Casal *et al.* (2015) realizaram um estudo para analisar os escanteios no futebol de elite para determinar a sua eficácia e identificar características comuns durante as cobranças. Os autores buscaram descrever como os escanteios são cobrados por equipes de futebol de elite identificando variáveis associadas ao sucesso. No total analisaram 1139 escanteios de diferentes competições (*Champions League 2010-2011, Copa 2010 FIFA World, UEFA Euro 2012*) 26% resultam em uma finalização, em que 9,8% geram em um tiro de meta para o adversário, 14% em uma finalização para fora da meta e que apenas 2,2% dos escanteios terminaram em gol, obtendo uma média de 10,2 cobranças por jogo. Apesar de aparentemente ineficácia, os gols de escanteios representaram vitória ou derrota em 76% dos casos.

No estudo de Casal *et al.* (2015) os resultados apresentaram que os escanteios no futebol de elite têm as seguintes características:

- Eles são cobrados com mais defensores do que atacantes presentes na área (96% dos casos), em um contexto entre quatro e cinco atacantes (75,3%) e seis ou mais defensores (92,6%) na maioria dos casos;
- A bola é cobrada diretamente (81,9%), de forma aérea (91,6%), para o poste mais próximo (primeira trave) (91,6%);
- O tipo de defesa é principalmente uma combinação de individual e zona (mista) (65,8%),
- Em geral, a organização ofensiva é estática (67,5%) e o escanteio envolve entre um e dois atacantes (88,8%) e termina em um cabeceio (66,9%);

As variáveis que apresentaram associação entre os escanteios e os gols:

- Quando três ou quatro atacantes interagem com a bola (7,8%);

- Eram mais comuns nos últimos 30 minutos de jogo (3,6%);
- Quando o ataque foi criado dinamicamente (3,8%).

Neste sentido, segundo Casal *et al.* (2015 p. 440) “a probabilidade de uma finalização pode ser aumentada com a intervenção de 3 ou 4 atacantes, um ataque dinâmico e o lançamento de forma indireta da bola ao poste mais distante”.

As principais conclusões apresentadas pelos autores e que poderão ser extraídas são:

- Os escanteios são incomuns e em grande parte ineficazes, mas são muitas vezes decisivos no resultado de um jogo;
- Os escanteios enviados para o poste mais distante, na sequência de uma cobrança inicial curta e a intervenção de três ou quatro jogadores em uma dinâmica são mais eficazes;
- Nestas circunstâncias os escanteios têm uma chance de 57,6% de resultar em um tiro entre os postes.

Pulling *et al.* (2013), em estudo também direcionado aos escanteios no futebol, buscaram investigar as táticas defensivas usadas pelas equipes da *Premier League* inglesa, mais especificamente a configuração de marcação e as posições dos jogadores defensivos nos postes antes do escanteio. Segundo os autores...

“...existem várias abordagens táticas que são aplicadas por equipes em uma tentativa de impedir a oposição de marcar de um pontapé de canto. Estes incluem o jogo definido defensivo, como marcar individual ou zonal, e a colocação de defensores nos postes (p.136)”.

No total foram analisados 436 escanteios de 50 jogos da *Premier League* inglesa, em que surgiram apenas 18 gols a partir deles com uma média de um gol a cada 24,4 escanteios. A marcação mais utilizada foi a marcação individual com 90,1% dos escanteios totais, sendo a marcação zonal menos utilizada com cerca de 9,9%. Do total dos escanteios houve 136 tentativas de gol o que equivale a 31,2%,

em que 90 (66,1%) delas foram fora do alvo, 28 (20,6%) no alvo, mas não foi gol e 18 (13,3%) delas resultaram em gol.

Em relação aos escanteios em que a equipe defensiva usou uma marcação individual (393 = 90,1%), 17 gols foram alcançados. Isso implica que a equipe defensiva foi capaz de impedir a equipe atacante de marcar um gol em 95,7% dos escanteios total. Já para os escanteios (43 = 9,9%) que a equipe defensiva usou a marcação zonal foi alcançado 1 gol, o que apresenta que a equipe defensiva foi capaz de impedir a equipe atacante de marcar um gol em 97,7% dos escanteios total. Neste sentido, as equipes que aplicaram marcação zonal sofreram menos gols e menos tentativas de gol que equipes que usaram a marcação individual (PULLING *et al.*, 2013).

As posições dos jogadores defensivos nos postes antes do escanteio na maioria das vezes possuíam um defensor posicionado apenas no poste mais distante (47,3% dos escanteios totais). Não houve defensores posicionados no poste próximo ou no poste distante em 22,2% de todos os escanteios. Já 15,6% de todos os escanteios analisados destacaram que havia apenas um defensor posicionado no primeiro poste. Apenas 14,9% de todos os escanteios tiveram um defensor posicionado no primeiro e no segundo poste (PULLING *et al.*, 2013).

3. MÉTODOS

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

Neste estudo foi utilizada uma metodologia de análise observacional, que oferece a flexibilidade e o rigor científico necessário para este estudo. O estudo contemplou a observação de várias equipes, todas participantes dos jogos finais da Copa do Mundo FIFA 2014 Brasil, *follow-up* (gravação de todas as partidas observadas independente das equipes em cada jogo) e multidimensional (análise de diversos níveis de resposta) (ANGUERA E MENDO, 2013 *apud* CASAL *et al.*, 2015).

3.2 AMOSTRA

Foram analisadas 16 partidas da Copa do Mundo FIFA 2014 do Brasil, correspondentes aos jogos das fases finais da competição (oitavas de finais, quartas de finais, semifinais, disputa de terceiro lugar e final).

Os escanteios foram classificados como diretos ou indiretos. Os diretos correspondem a toda cobrança realizada diretamente à área penal e o indireto corresponde aos cobrados com passes para os companheiros de equipe. Todos os escanteios cobrados durante os 90 minutos mais os acréscimos de ambos os tempos de jogo regulamentar e enviados para a área penal com um máximo de quatro passes foram codificados e incluídos na análise, os escanteios com mais de quatro passes foram excluídos. Foram excluídos das análises todos os escanteios em que os analisadores não conseguiram chegar em um consenso em um dos padrões, e também os escanteios em que a gravação não permitiu identificar uma das variáveis.

3.3 INSTRUMENTOS

Foi utilizado um instrumento de observação combinando um formato de campo e sistema de categoria adaptado de Casal *et al.* (2015) (Tabela 2), pois

percebeu-se a necessidade de adicionar algumas variáveis que não foram exploradas no estudo citado.

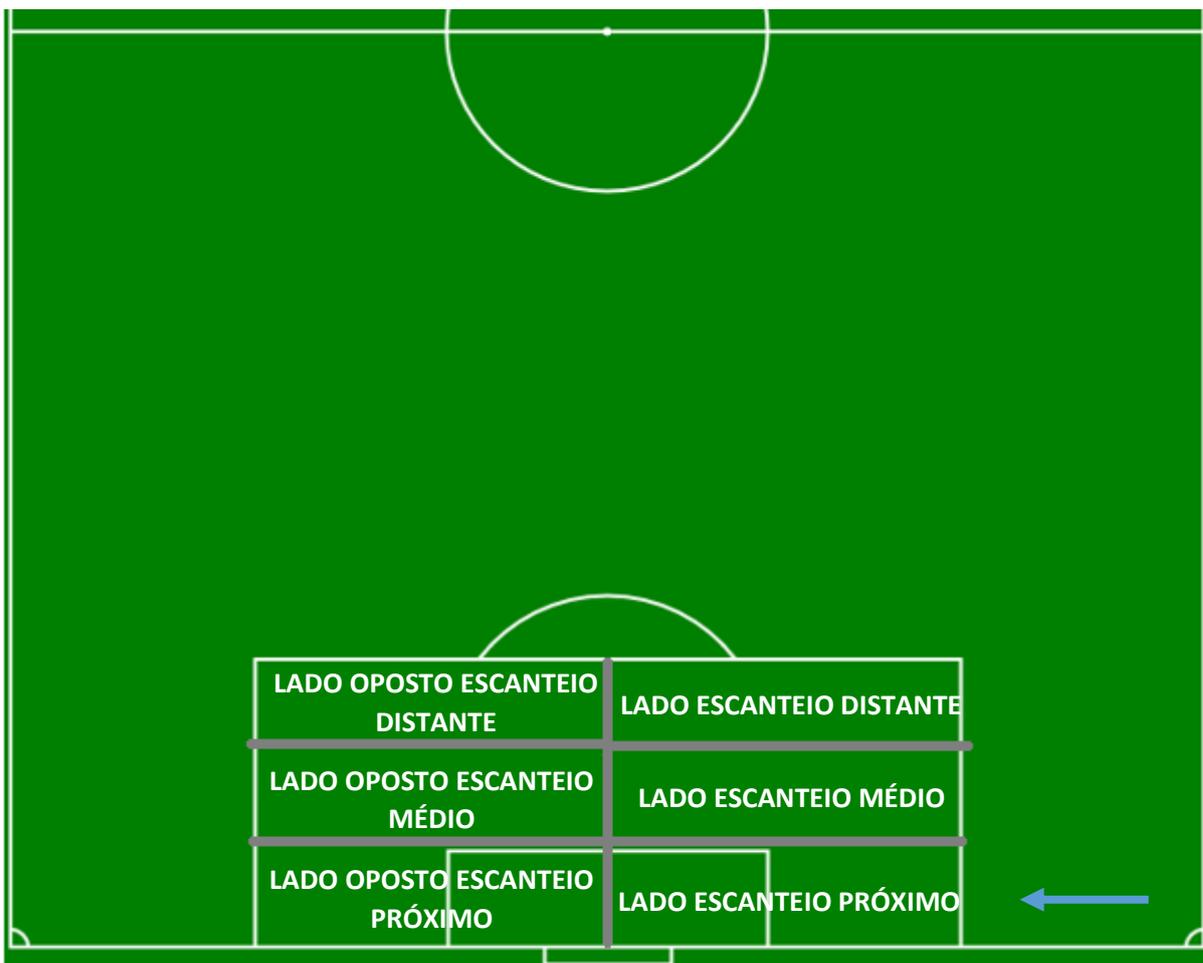
Tabela 2. Sistema de Categoria e códigos usados na ferramenta de observação

VARIÁVEL	CATEGORIAS
Tempo da partida (T)	Até 15' 15'-30' 30'-45' Acréscimos 1º tempo 45'-60' 60'- 75' 75'-90' Acréscimos 2º tempo
Resultado do jogo no momento da análise (RMA)	Vitória Empate Derrota
Lado do escanteio (LE)	Direito Esquerdo
Intervenções prévias (IP) (para cobranças de escanteios indiretas)	2 passes até a bola ser lançada a área; 3 ou 4 passes até a bola ser lançada a área.
Lateralidade (L)	Perna de fora (cobrança no lado direito com a perna direita/cobrança do lado esquerdo com a perna esquerda) Perna trocada (cobrança no lado direito com perna esquerda/ cobrança no lado esquerdo com perna direita)
Número de atacantes na área (NAA)	2 ou 3 4 ou 5 6 ou mais (Jogadores que participam da ação dentro da área)
Número de defensores na área (NDA)	4 ou 5 6 ou 7 8 ou mais (Jogadores que participam da ação dentro da área)

Contexto de interação (COI)	Igualdade numérica- mesma quantidade de defensores e atacantes; Inferioridade numérica – maior número de defensores dentro da área.
Tipo de marcação (TM)	Individual (cada defensor é responsável em marca um adversário específico) Zona (Defensores organizam-se em espaços específicos dentro da área, sem marcação individual) Mista (zona 2 a 3) (Utilização das duas formas de marcação, individual e por zona). Mista (zona 4 a 5)
Número de jogadores que participam da ação dentro da área (NJP).	1 jogador participa da ação dentro da área; 2 jogadores participam da ação dentro da área; 3 ou mais jogadores participam da ação dentro da área.
Zona de envio da bola (ZE)	Primeira trave (zona anterior ao ponto penal); Segunda trave (zona posterior ao ponto penal).
Trajetória da bola (TB)	Alta – Quando a bola é lançada aérea; Meia altura - Quando a bola não está mais em contato com o solo até na altura do abdômen (CHIMINAZZO; JÚNIOR, 2003) Rasteira – Bola lançada pelo chão.
Zona de finalização (ZF)	1- Lado escanteio próximo; 2- Lado escanteio médio; 3- Lado escanteio distante; 4- Lado oposto escanteio próximo; 5- Lado oposto escanteio médio; 6- Lado oposto escanteio distante. (Ver figura 2 e 3, Zona de finalização ZF)
Modo de finalização (MF)	Direta (quando a finalização vai direto à meta); Com intervenção do adversário (quando a finalização é desviada em um defensor); Contra (quando a finalização é feita por um defensor).
Número de ações até a finalização	1 ação até à finalização

	2 ações até à finalização 3 ações até à finalização 4 ações até à finalização 5 à 7 ações até à finalização.
Tipo de finalização (TF)	Intencional (quando o atacante teve a intenção de finalizar); Não intencional (quando a bola bate por acaso em um atacante e a finalização ocorre).
Forma de finalização (FF)	Cabeça (quando a finalização é realizada com a cabeça); Pé ou outra parte (Quando a finalização é realizada com o pé ou outra parte do corpo).
Ação do finalizador (AF)	Estática (Quando o jogador que executa a finalização não sai de sua zona de finalização inicial); Dinâmica (quando o jogador que executa a finalização desloca-se de sua zona de finalização inicial para outra).
Resultado (R)	Não finalizado (quando não há uma finalização após o escanteio cobrado); Entre as traves (quando o escanteio é finalizado e o goleiro ou um defensor impede o gol); Fora (quando o escanteio é finalizado para fora do gol); Gol (quando a bola transpassa a baliza após uma finalização a partir de uma cobrança de escanteio);
Peso do gol (PG)	Colocar na frente (quando o gol coloca uma equipe à frente do placar); Empate (quando o gol iguala o placar); Virada (quando uma equipe passa a frente do placar); Descontar (quando uma equipe diminui o placar); Aumentar a diferença (quando uma equipe consegue ampliar o placar).

FIGURA 4. Zona de finalização (ZF) cobrança lado esquerdo de ataque.



Fonte: Autor

FIGURA 5. Zona de finalização (ZF) cobrança lado direito de ataque.



Fonte: Autor

3.4 PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS

Inicialmente foi realizada uma pesquisa no site de videos *youtube* ([youtube.com](https://www.youtube.com)) para encontrar os 16 jogos filmados na integra da fase final da Copa do Mundo FIFA 2014. Após ter posse das partidas filmadas por inteiras foram analisadas todos os escanteios das partidas.

As análises foram realizadas por três observadores individualmente para que não houvesse interferência na análise dos videos dos jogos entre os analisadores, âmbos integrantes do GPDDF que passaram por um processo de treinamento para familiarização com o protocolo de análise. Unindo as três

observações, elas foram confrontadas e dessa forma foram selecionadas os escanteios que ocorreram a convergência de no mínimo dois observadores.

3.5 TRATAMENTO DOS DADOS

Após o período de coleta de dados, os dados foram transcritos para planilha do Microsoft Excel 2012, categorizados por Tempo, Resultado no momento do jogo, Lado do escanteio, Intervenções prévias (para cobranças de escanteios indiretas), Lateralidade do lançador, Número de atacantes na área, Número de defensores na área, Contexto de interação, Tipo de marcação, Número de jogadores que participam da ação dentro da área, Zona de envio da bola, Trajetória da bola, Zona de finalização, Modo de finalização, Número de ações até a finalização, Tipo de finalização, Forma de finalização, Ação do finalizador, Resultado, Peso do gol, para o processo de interpretação e tratamento estatístico.

3.6 TRATAMENTO ESTATÍSTICO

Houve análise descritiva dos dados para obter valores absolutos e relativos (%). Para calcular o Desvio padrão dos valores absolutos de cada categoria das variáveis foi utilizado o Microsoft Excel 2012.

4. RESULTADOS

4.1 ANÁLISE DESCRITIVA

No total da análise feita nos 16 jogos foi quantificado 166 escanteios com uma média de $10,3 \pm 4,5^{2*}$ escanteios por partida, em que 9 foram excluídos por não possuir um critério de inclusão. Neste sentido, foram analisados 157 escanteios, número inferior ao achado por Borráz e Baranda (2005) em estudo que analisou os jogos da Copa do Mundo de 2002, com 127 escanteios nos 16 jogos finais da competição. Desses 157 escanteios, 143 (91,1%) resultaram em uma cobrança direta, e 14 (8,9%) em cobranças indiretas. As frequências relativas de cada uma das variáveis relacionadas com a execução de escanteios analisados nos jogos das fases finais da Copa do Mundo FIFA 2014 estão apresentados no quadro 1:

Quadro 1 – Valores de frequência, média e desvio-padrão das variáveis relacionadas com a execução dos escanteios

	VARIAVEIS	VALOR	FREQUÊNCIA	MÉDIA±DP	(%)
1	Tempo (T)	0' – 15'	17	1,1 ± 0,9	10,8
		15' - 30'	24	1,4 ± 1,3	15,3
		30' - 45'	25	1,6 ± 1,1	15,9
		Acréscimos 1º tempo	5	0,3 ± 0,7	3,2
		45' - 60'	25	1,6 ± 1,1	15,9
		60' – 75'	18	1,1 ± 1,1	11,5
		75' – 90'	36	2,3 ± 1,7	22,9
		Acréscimos 2º tempo	7	0,4 ± 0,5	4,5
		Total	157	0 ± 0	100,0
2	Resultado no momento do jogo (RMJ)	Vitória	13	0,8 ± 1,1	8,3
		Empate	106	6,6 ± 5,9	67,5
		Derrota	38	2,4 ± 2,8	24,2
		Total	157	0 ± 0	100,0

² O desvio padrão da média dos escanteios é em relação ao número total (166) que foram cobrados nos 16 jogos finais. Já os demais são relacionados com os resultados das variáveis dos escanteios incluídos na amostra (157).

3	Lado do escanteio (LE)	Direito	88	5,5 ± 3,0	56,1
		Esquerdo	69	4,3 ± 2,1	43,9
		Total	157	0 ± 0	100,0
4	Intervenções prévias (IP) (para cobranças de escanteios indiretas)	2 passes até a bola ser lançada a área;	6	0,5 ± 0,6	3,8
		3 ou 4 passes até a bola ser lançada a área.	8	0,4 ± 0,6	5,1
		Total	14	0 ± 0	8,9
5	Lateralidade (L) do cobrador	Perna de fora	68	4,3 ± 3,4	43,3
		Perna trocada	89	5,6 ± 2,4	56,7
		Total	157	0 ± 0	100,0
6	Número de atacantes na área (NAA)	2 ou 3	9	0,6 ± 0,7	5,7
		4 ou 5	128	8,0 ± 3,8	81,5
		6 ou mais	20	1,3 ± 1,6	12,7
		Total	157	0 ± 0	100,0
7	Número de defensores na área (NDA)	4 ou 5	3	0,2 ± 0,4	1,9
		6 ou 7	94	5,9 ± 4,2	59,9
		8 ou mais	60	3,8 ± 2,7	38,2
		Total	157	0 ± 0	100,0
8	Contexto de interação (COI) (BAYER,1994)	Igualdade numérica	0	0,0 ± 0,0	0
		Inferioridade numérica	157	9,8 ± 4,3	100,0
		Total	157	0 ± 0	100,0
9	Tipo de marcação (TM)	Individual	24	1,5 ± 2,6	15,3
		Zona	0	0,0 ± 0,0	0
		Mista (zona 2 a 3)	92	5,8 ± 3,3	58,6
		Mista (zona 4 a 5)	41	2,6 ± 3,6	26,1
		Total	157	0 ± 0	100,0
10	Número de jogadores que participam da ação dentro da área (NJP).	1	39	2,4 ± 1,3	86,7
		2	4	0,3 ± 0,4	8,8
		3 ou mais	0	0,0 ± 0,0	0
		Total *Dois Escanteios foram	43	0 ± 0	95,5

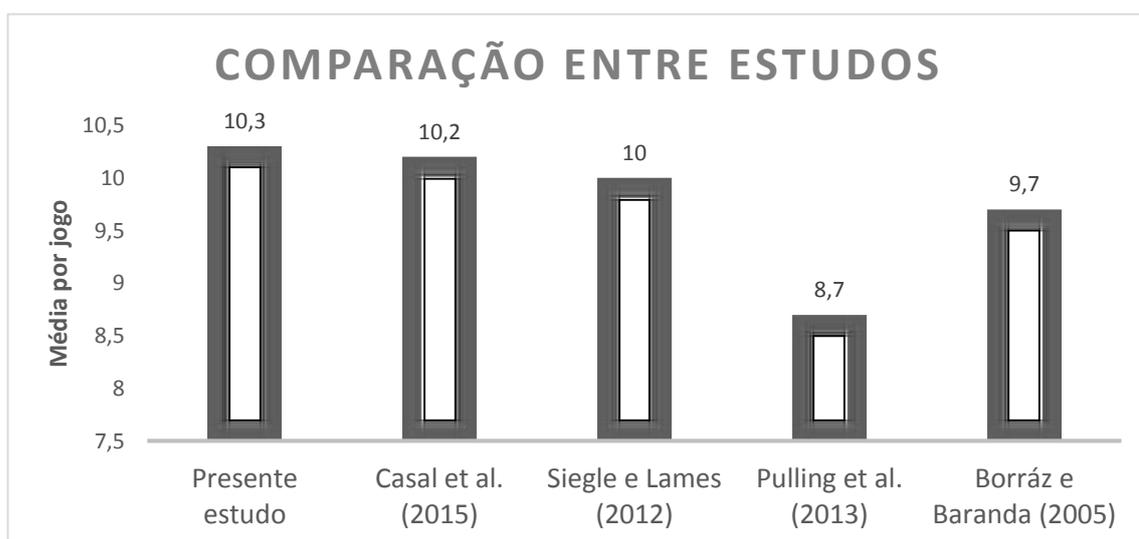
		finalizados diretamente de fora da área.			
11	Zona de envio da bola (ZE)	Primeira trave	103	6,4 ± 2,9	65,6
		Segunda trave	52	3,3 ± 2,5	33,1
		Total Dois Escanteios não foram enviados a área.	155	0 ± 0	98,7
12	Trajetória da bola (TB)	Alta	137	8,6 ± 3,6	87,3
		Meia altura	16	1,0 ± 0,9	10,2
		Rasteira	3	0,2 ± 0,5	1,9
		Total	156	0 ± 0	99,4
13	Zona de finalização (ZF)	Lado escanteio próximo;	9	0,6 ± 0,7	20,0
		Lado escanteio médio;	13	0,8 ± 0,6	28,9
		Lado escanteio distante;	1	0,1 ± 0,2	2,2
		Lado oposto escanteio próximo;	7	0,4 ± 0,6	15,6
		Lado oposto escanteio médio;	7	0,4 ± 0,7	15,6
		Lado oposto escanteio distante.	3	0,2 ± 0,5	6,6
		Fora da área	5	0,3 ± 0,8	11,1
		Total	45	0 ± 0	100,0
14	Modo de finalização (MF)	Direta	37	2,3 ± 1,2	82,2
		Com intervenção do adversário	8	0,5 ± 0,7	17,8
		Total	45	0 ± 0	100,0
15	Número de ações até a finalização	1 ação até a finalização	7	0,4 ± 0,6	15,6
		2 ações até a finalização	30	1,9 ± 1,2	66,6
		3 ações até a finalização	7	0,4 ± 0,6	15,6
		4 ações até a	1	0,1 ± 0,2	2,2

		finalização			
		Total	45	0 ± 0	100,0
16	Tipo de finalização (TF)	Intencional	43	2,7 ± 1,5	95,6
		Não intencional	2	0,1 ± 0,5	4,4
		Total	45	0 ± 0	28,0
17	Forma de finalização (FF)	Cabeça	26	1,6 ± 0,9	57,8
		Pé ou outra parte	19	1,2 ± 1,1	42,2
		Total	45	0 ± 0	100,0
18	Ação do finalizador (AF)	Estática	22	1,4 ± 1,2	48,9
		Dinâmica	23	1,4 ± 1,2	51,1
		Total	45	0 ± 0	100,0
19	Resultado (R)	Entre as traves	8	0,5 ± 0,7	17,8
		Fora	28	1,7 ± 1,2	62,2
		Gol	6	0,4 ± 0,6	13,3
		Não gol	3	0,2 ± 0,4	3,3
		Total Finalizado	45	0 ± 0	28,0
		Não finalizado	113	0 ± 0	72,0
		Total	157	0 ± 0	100,0
20	Peso do gol (PG)	Colocar na frente	4	0,3 ± 0,4	66,6
		Empate	1	0,1 ± 0,2	16,7
		Virada	0	0,0 ± 0,0	0
		Descontar	0	0,0 ± 0,0	0
		Aumentar a diferença	1	0,1 ± 0,2	16,7
		Total	6	0 ± 0	13,3

5. DISCUSSÃO

O objetivo do presente estudo foi analisar como ocorreram os escanteios dos jogos das fases finais eliminatórias (oitavas, quartas, semifinais e finais) da Copa do Mundo FIFA 2014 realizada no Brasil. Em média ocorrem $10,3 \pm 4,5$ escanteios por partida, corroborando com os estudos de Casal *et al.* (2015) que apresentam a média de 10,2 escanteios, os quais analisaram 124 jogos das competições: *FIFA World Cup 2010*, *UEFA Euro 2012* e *UEFA Champions League 2010/11* (Gráfico 1). Ademais, Siegle e Lames (2012), estudaram a mesma quantidade de jogos da Primeira Liga alemã (*Bundeslig*) do presente estudo (16) e encontraram uma média de 10,0 escanteios por partida, valor este superior aos do estudo de Pulling *et al.* (2013), que analisaram 50 jogos da *Premier League* inglesa, e encontraram uma média de 8,7 escanteios por jogo, enquanto Borráz e Baranda (2005) no mundial do Japão e da Coreia do Sul também analisaram 50 jogos e quantificaram 468 escanteios com uma média de 9,7 por jogo. Isto sugere um número médio de aproximadamente 10 escanteios por partida independentemente do número e tipo de jogos analisados.

Gráfico 1. Médias dos escanteios.



No que se refere a variável Tempo foi estabelecido a fragmentação do tempo total de jogo a cada 15 minutos e mais os acréscimos de cada tempo de jogo nas

análises (0' - 15', 15' - 30', 30' - 45', acréscimos 1º tempo, 45' - 60', 60' - 75', 75' - 90' e acréscimos 2º tempo), para tentar entender mais especificamente em quais partes do jogo predominam a ocorrência dos escanteios, como apresentado no quadro 1, em que dos 75' - 90' de jogo ocorreram mais escanteios, com cerca de 22,9%. Borrás e Baranda (2005) observam em seu estudo como as percentagens são semelhantes em todos os intervalos de 15 minutos, de modo que do 0-15 minutos foram cobrados 14,81% dos escanteios; 16-30 minutos, 16,67%; para 31-45 minutos, 18,11%; 46-60 minutos, 16,26%; 61-75 minutos, 16,05%; de 76-90 minutos, 14,40% e nos acréscimos do segundo tempo 3,70% dos cantos, não apresentando dados para o primeiro tempo.

Diferentemente, o estudo realizado por Casal *et al.* (2015) na qual divide a variável Tempo em três categorias (0' - 30', 31' - 60' e 61 - 90') em que apresentam a ocorrência dos escanteios com 30% cobrados dos 0' - 30', 32,9% dos 31' - 60' e 37,1% dos 61' - 90' em todos os escanteios de três competições distintas (*FIFA World Cup 2010*, *UEFA Euro 2012* e *UEFA Champions League 2010/11*). Neste sentido, se juntarmos as categorias (0' - 15' e 15' - 30'), (30' - 45', Acréscimos do 1º tempo e 45' - 60') e (60' - 75', 75' - 90' e Acréscimos 2º tempo) teremos respectivamente os seguintes resultados: 26,1 %, 35,0% e 38,9%. Já os resultados apresentados nos acréscimos do 1º e 2º tempo são relativamente baixos pelo fato dos acréscimos possuírem um tempo muito menor do que as outras variáveis.

De todos os 157 escanteios, 143 (91,1%) resultaram em uma cobrança direta, e 14 (8,9%) em cobranças indiretas. Dos 8,9% dos escanteios indiretos, 6 (3,8%) foram lançados a área após 2 intervenções e 8 (5,1%) com 3 ou 4 intervenções. Já 106 (67,5%) ocorreram quando o jogo estava empatado, 13 (8,3%) quando a equipe que estava cobrando o escanteios a frente no placar e 38 (24,2%) quando a equipe cobradora apresentava desvantagem no resultado do jogo, como apresentado na variável 2 (Resultado no Momento do Jogo) do quadro 1. Casal *et al.* (2015) apresentam resultados diferentes, tanto em relação as cobranças diretas (81,9%) e indiretas (18,1%), quanto para o Resultado no Momento do Jogo, sendo 20,9% quando a equipe vencia, 52,9% quando o jogo estava empatado e 26,3% quando a equipe cobradora do escanteio estava perdendo. Isso pode ser justificado devido a uma amostra muito superior do que ao estudo apresentado, porém ambos os dados apresentados referentes aos escanteios cobrados pelas equipes que estão

em situações de empate ou derrota são superiores, justamente pela necessidade de busca de gols para igualar o resultado ou vencer a partida.

Em relação a variável 3 (Lado do escanteio), os achados foram que 88 (56,1%) dos escanteios foram cobrados pelo lado direito de ataque e 69 (43,9%) pelo lado esquerdo. Isso corrobora com os dados apresentados por Casal *et al.* (2015) 53,8% cobrados pelo lado direito e 46,2% pelo lado esquerdo. A lateralidade refere-se ao lado do corpo que o jogador executa a cobrança. Neste sentido, as categorias para identificar com qual membro são cobrados os escanteios foram: Perna de fora (cobrança no lado direito com a perna direita/cobrança do lado esquerdo com a perna esquerda) e Perna trocada (cobrança no lado direito com perna esquerda/ cobrança no lado esquerdo com perna direita), no qual 68 (43,3%) foram cobrados com a perna de fora e 89 (56,7%) foram cobrados com a perna trocada. Borráz e Baranda (2005) apresentam que dos 37,73% dos escanteios são cobrados com a perna de fora e 45,98% com a perna trocada, onde os lançamentos a área após uma cobrança indireta não era contabilizado, era apenas classifica como cobrança curta resultando no total de 16,29%. Já os achados de Casal *et al.* (2015) não apresentaram diferenças entre as variáveis, sendo 50% cobrados com perna de fora e 50% com a perna trocada. As inconsistências nos resultados podem ser atribuídas ao motivo de que os dados apresentados por Casal *et al.* (2015) serem uma média de três competições distintas que possuíam números de jogos maior dos que os 16 utilizados neste estudo. Além da lateralidade do batedor está condicionada a duas situações básicas, como o tipo que a defesa adversária se organiza e a qualidade técnica do cobrador.

No que se refere a quantidade de atacantes presentes na área no momento do escanteio, os nossos achados foram que quando havia 2 ou 3 atacantes na área foram cobrados 9 (5,7%) escanteios, quando o Número de Atacantes eram 4 ou 5 foram cobrados 128 (81,5%) escanteios e quando havia 6 ou mais atacantes na área foram cobrados 20 (12,7%) escanteios. Casal *et al.* (2015) apresentam dados diferentes, 1,5% (2 a 3 atacantes), 75,3% (4 a 5 atacantes) e 23,2 % (6 ou mais) respectivamente. Isto sugere que de modo prático as equipes têm buscado posicionar preferencialmente 4 a 5 atacantes na área adversária no momento da cobrança, preocupando-se também com a transição defensiva evitando situações de contra-ataque.

Em relação a variável 7, Número de Defensores na Área, foi dividida em três categorias: 4 ou 5 defensores na área, 6 ou 7 defensores na área e 8 ou mais defensores na área. Os achados foram de 3 (1,9%) com 4 ou 5 defensores, 94 (59,9%) com 6 a 7 defensores e 60 (38,2%) com 8 ou mais defensores na área no momento do escanteio. Casal *et al.* (2015) utilizam nesta variável apenas duas categorias: 4 ou 5 defensores na área e 6 ou mais defensores na área, em que apresentam respectivamente 7,4% e 92,6%. Considerando que muitas equipes utilizam os seus jogadores na sua totalidade para se defender dentro da área durante a cobrança de escanteio, uma vez que em 38,2% dos escanteios analisados as equipes usaram 8 ou mais defensores. Sendo assim, a utilização da escala de 6 ou mais defensores na cobrança de escanteios adotada no estudo de Casal *et al.* (2015) pode não representar uma análise detalhada da realidade.

A categoria inferioridade numérica para a equipe atacante da Variável 8, Contexto de interação, ocorreu em todos os 157 escanteios (100%) analisados, considerando a quantidade de jogos (16) analisados. Esses achados corroboram com os apresentados por Casal *et al.* (2015), com 96% das situações os atacantes possuindo menos jogadores que os defensores e apenas 4% em que o contexto de interação dentro da área era em condição de igualdade numérica com os defensores.

Existem dois meios táticos principais para defender um escanteio: marcação zonal e marcação um-para-um (individual). Ao adotar a marcação zonal, a maioria dos jogadores defensivos são responsáveis pela defesa de um determinado setor espacial (zona) do campo (PULLING *et al.*, 2013). Os mesmos autores realizaram um estudo que objetivou explorar o comportamento tático ao defender os cruzamentos de escanteios na *Premier League* inglesa. Especificamente, foram investigados os tipos de marcação e os jogadores defensivos posicionados nos postes. Os principais resultados foram que 90,1% das situações foi utilizado o sistema de marcação individual e 9,9% dos escanteios adotou-se marcação por zona. Casal *et al.* (2015) apresentam além da marcação individual e por zona, a marcação mista, em que uns defensores atuam por zona e outros com marcações individuais, com os seguintes dados: 5% individual, 29,2% zona e 65,8% mista. Os resultados apresentados anteriormente divergem dos encontrados no presente estudo, em que Casal *et al.* (2015) não dividem a categoria mista como feito neste

estudo e em relação ao estudo de Pulling *et al.* (2013) pela ausência da variável mista, o que comprova no estudo de Casal *et al.* (2015) que diminui significativamente a utilização da variável Individual.

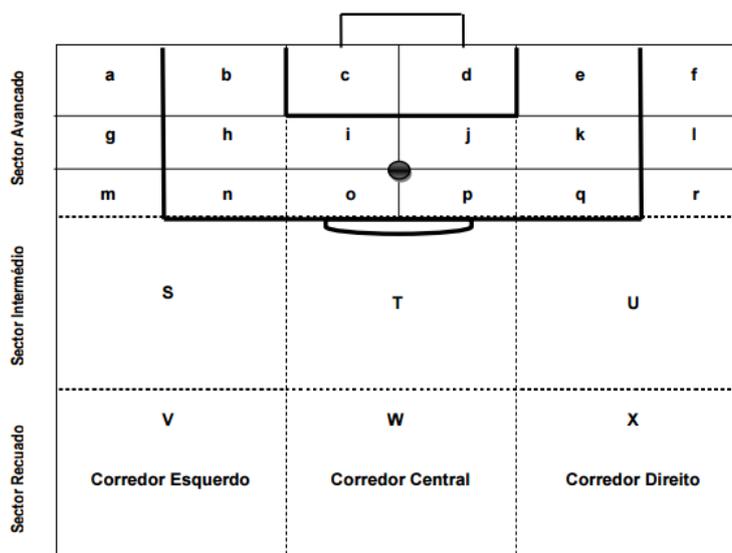
A variável 11, Zona de Envio da Bola do quadro 1, foram estabelecidas duas categorias (Primeira Trave e Segunda Trave), em que a referência para estabelecer quando a bola foi lançada para a primeira ou segunda trave é o ponto penal, sendo considerada Primeira Trave quando a bola não ultrapassa o ponto penal a partir do lado que o escanteio é cobrado e Segunda Trave quando a bola ultrapassa o ponto penal. Os achados foram que 103 (65,6%) dos escanteios foram enviados para a Primeira Trave e 52 (33,1%) foram enviados para a Segunda Trave, os 1,3% restantes diz respeito a 2 escanteios que foram finalizados diretamente sem que a bola fosse lançada a área. Os dados apresentados por Casal *et al.* (2015) foram que na Primeira Trave 61,8% dos escanteios são lançados para esta zona e na Segunda Trave 38,2%. Diferentemente Borráz e Baranda (2005) acrescentam outras três categorias na variável zona de envio da bola, analisando esta variável em outra perspectiva metodológica, sendo elas: Centro, Fora da área e Não Chegou ao Centro. Neste sentido, destacamos apenas os dados achados quando a bola foi lançada na primeira trave (30,25%) e na segunda trave (27,57%). Os dados são justificados devido a evidência nos dois estudos de que a maioria dos escanteios no futebol de elite são lançados na Primeira Trave o que podem estar ligados às táticas de ABP específicas das equipes.

Em relação à Trajetória da bola, Casal *et al.* (2015), apresentam apenas duas categorias (Aérea e Solo), em que 91,6% dos escanteios foram lançados de forma aérea para a área e apenas 8,4% pelo solo. Já os achados do presente estudo, mostra a variável aérea com 137 (87,8%) e solo (Rasteira) com 3 (1,9%) além do incremento da variável Meia Altura que apresenta 16 (10,3%). Isso conclui que a maioria dos escanteios cobrados no futebol são por meio do lançamento aéreo da bola, sugerindo que cobranças feitas de forma rasteira e meia altura (desde que bem treinadas e executadas) poderão ser formas que podem causar surpresas aos defensores, devido à pouca utilização destes tipos de cobrança.

Na variável 13, Zona de Finalização, foram analisadas seis categorias para este estudo, em que a área penal foi dividida em 6 zonas conforme apresentada nas Figuras 4 e 5. Cada zona foi nomeada para uma melhor interpretação durante as

análises (Lado Escanteio próximo, Lado Escanteio Médio, Lado Escanteios Distante, Lado Oposto escanteio Próximo, Lado Oposto Escanteio Médio e Lado Oposto Escanteio Distante). No estudo de Casal *et al.* (2015) esta categoria foi dividida em apenas duas categorias (Primeira Trave e Segunda Trave), em que demonstra que 55,5% das finalizações foram na Zona da primeira trave, e 44,5% na zona da segunda trave. Rocha (2009) em uma metodologia mais próxima do presente estudo relacionada a Zona de Finalização, desenvolveu uma divisão de zonas em seu estudo nos jogos da fase de retorno da primeira liga portuguesa que objetivou analisar a influência das situações de bolas paradas na finalização com êxito no futebol, conforme apresentada na Figura 6. Porém aquele estudo não apresenta dados em relação ao número total de finalizações e sim aos gols conseguidos a partir das cobranças de escanteios. Seus achados foram que de todos os gols oriundo de ações de bolas paradas 26 (27,7%) foram a partir das cobranças dos escanteios, em que na zona C ocorreram 16% dos gols, na D 36%, na E 4%, na F 4%, na I 16% e na J 28%.

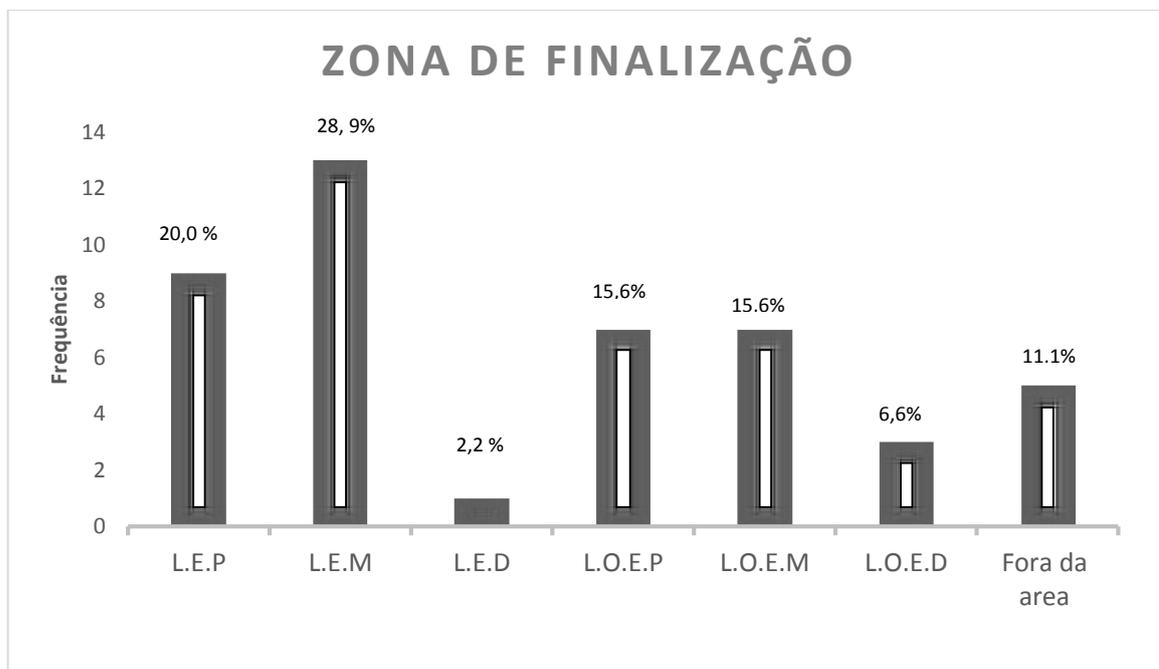
Figura 6. Zona de Finalização proposto por Rocha (2009 p. 32)



Rocha (2009 p. 32)

Neste sentido, cabe apenas apresentar os dados encontrados no presente estudo e destacar que assim como o estudo de Casal *et al.* (2015) as finalizações têm prevalência de ocorrerem no lado mais próximo de onde o escanteio é cobrado.

Gráfico 2. Zona de Finalização

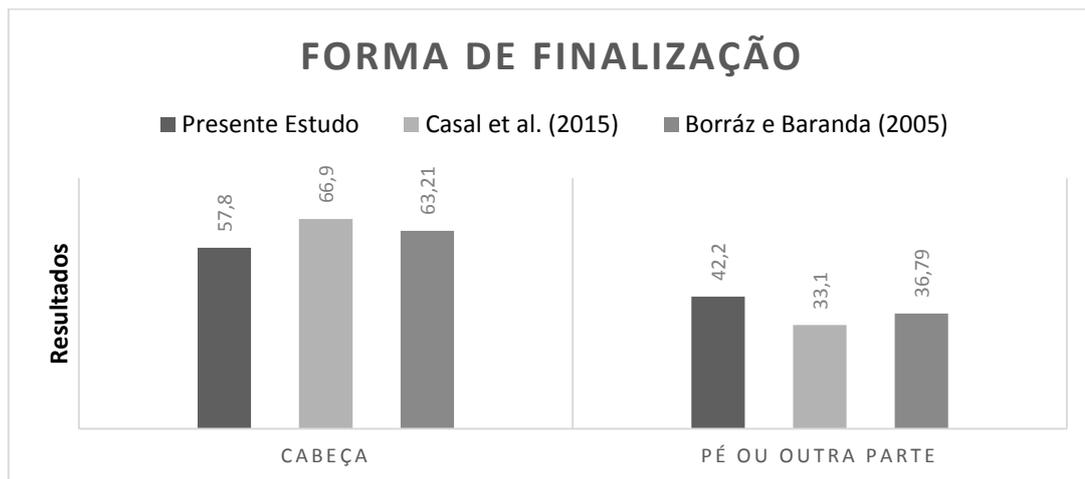


A variável 14 do quadro 1 apresenta os achados referente ao Modo de Finalização, em que a finalização foi realizada de forma direta pelo atacante, com intervenção do adversário ou contra. De todos os 45 escanteios que foram concluídos com alguma finalização 37 (82,2%) foram de maneira direta e 8 (17,8%) quando havia algum tipo de intervenção do adversário e nenhum dos escanteios foi relacionado a variável Contra. Em relação ao Tipo de Finalização (variável 16), 43 (95,6%) ocorreram de forma Intencional e 2 (4,4%) de forma não intencional.

O gráfico 3 compara a forma de finalização entre estudos, em que dos escanteios finalizados, 26 (57,8%) foram por meio de um cabeceio e 42,2% (19) foram finalizados com o pé ou outra parte do corpo de acordo com a categoria 17 do quadro 1. Casal *et al.* (2015) apresentam os seguintes achados: 66,9% finalizados por meio de um cabeceio e 33,1% finalizados com o pé ou outra parte do corpo, enquanto Borráz e Baranda (2005) trazem que 63,21% dos escanteios são

finalizados a partir de um cabeceio e 36,79% com o pé. Isso demonstra que as maiores incidências de finalizações por meio de uma cabeçada entre os estudos estão ligadas à trajetória da bola, em que 87,3% (dados deste estudo) das cobranças de escanteios são de forma Aérea como já discutido anteriormente.

Gráfico 3. Forma de finalização



No total dos 157 escanteios cobrados nos 16 jogos apenas 45 (28,0%) foram finalizados e 113 (72,0%) não foram concluídos, em que a situação ocorrente era um afastamento da bola pela equipe defensora. Acredita-se que a forma de cobrança direta é realizada na maioria das vezes pelo motivo das equipes não arriscarem perder a pequena possibilidade que existe de fazer o gol a partir dos escanteios, evitando realizar uma cobrança curta ou ficar com a manutenção de posse de bola, mesmo existindo a evidência de que 72% dos escanteios nem chegam a ser finalizados.

A Variável 15 representa o número de ações anteriores até as finalizações propriamente dita. A categoria “1 Ação até a finalização”, apresenta 7 (15,6%), em que esta variável significa uma cobrança de escanteios direta ao gol ou uma finalização direta dentro da área após uma cobrança indireta, já que este estudo possui a variável Intervenções Prévias para os escanteios indiretos como já destacado anteriormente. Dos escanteios finalizados 30 (66,6%) possuíam 2 ações, 7 (15,6%) 3 ações e 1 (2,2%) 4 ações até a finalização.

Em relação ao Número de jogadores atacantes que participam da ação dentro da área, a variável 10 do quadro 1, os achados foram que em 39 (86,7%) apenas 1 jogador participa da ação dentro da área, 4 (8,8%) 2 jogadores participam da ação dentro da área, os outros 2 escanteios restantes foram finalizados de fora da área, sem participação de jogadores dentro da área. Casal *et al.* (2015) utilizam apenas duas categorias: 1-2 jogadores e 3-4 jogadores, nos quais 88,8% e 11,2% são os achados, respectivamente. Esses dados são relativamente similares se juntarmos os achados das categorias com 1 jogador participante e 2 jogadores participantes das ações dentro da área do presente estudo. Isso destaca que as ações dentro da área são relativamente baixas, pois dentro da área com o elevado número de defensores e atacantes presentes a tendência é finalizar já na primeira oportunidade.

A ação do finalizador foi de 22 (48,2%) em situação estática e 23 (51,2%) em situação dinâmica. Esses dados divergem dos encontrados por Casal *et al.* (2015), que em situação estática obteve 67,5% e em situação dinâmica 32,5%. O motivo principal dessa divergência pode ter sido a forma que os autores apresentam a zona de finalização, sendo apenas dividida em primeira e segunda trave, em que para ser considerado ação dinâmica do finalizador, o mesmo teria que sair de uma zona (ex.: 1º trave para a 2º trave) e para caracterizar uma finalização estática o espaço é relativamente maior, diferentemente do estudo apresentado com 6 zonas menores, em que a ação estática era estabelecida quando o finalizador durante o momento da cobrança do escanteio não saía de sua zona inicial e dinâmica quando o finalizador se deslocava de sua zona inicial para outra onde ocorre de fato finalização.

Dos escanteios finalizados 8 (17,8%) resultaram em uma finalização entre as traves, situação está ligada a uma defesa do goleiro ou um defensor afastando a bola da meta. Já 28 (62,2%) resultaram em uma finalização para fora da meta, 3 (6,6%) em uma finalização que nomeamos de “Não gol” (situação referente a ação de um jogador atacante que pretendia realizar um passe dentro da área após uma cobrança de escanteios e que o goleiro intervia/pegava a bola, não caracterizando um escanteios finalizado entre as traves ou para fora), corroborando com os achados de Pulling *et al.* (2013) que apresentam os seguintes resultados: 136 (31,2%) dos escanteios que conduzem a uma tentativa de gol, 90 (66,1%) delas estavam fora do alvo, 28 (20,6%) estavam no alvo, mas não conduziram a uma

meta. No mesmo sentido, Borráz e Baranda (2005) analisaram 486 escanteios de 50 jogos no mundial do Japão e da Coreia do Sul, em que no que diz respeito a efetividade, 21,81% dos escanteios termina com uma finalização, dos quais 12,96% foram para fora do alvo e 8,85% entre as traves.

Já em relação aos gols alcançados a partir dos escanteios finalizados apenas 6 (13,3%) resultaram em gols, o que são similares ao estudo de Pulling *et al.* (2013) com 18 (13,3%) gols alcançados a partir dos escanteios finalizados. Isso implica que no futebol atual as equipes defensoras buscam se organizar ainda mais em todos os momentos do jogo, sendo assim mais bem sucedidas na prevenção em relação a equipe atacante também durante as ABP. Com relação à média de gols na amostra total, o presente estudo traz que apenas 3,8% dos escanteios resultam em gols, corroborando com Casal *et al.* (2015) que em amostra maior apresenta 2,2% e com Borráz e Baranda (2005) com 2,5% terminando em gol.

Tabela 3. Resultados dos escanteios em diferentes estudos

	Presente estudo	Pulling et al.(2013)	Borráz e Baranda (2005)	Casal et al. (2015)
Entre as traves	17,8%	20,6%	8,85% ***	9,8% ****
Fora da meta	62,2%	66,1%	12,96% ***	14,0% ****
Não gol	6,6%	XX	XX	XX
Gol *	13,3%	13,3%	XX	XX
Gol**	3,8%	4,1%	2,47%	2,2% ****

LEGENDA:

* % proporcional ao número total de finalizações.

***% proporcional ao número total de escanteios.

*** relação percentual à 21,81%.

**** relação percentual à 26,0%.

Em relação ao valor dos gols feitos a partir dos escanteios, a variável 20 do quadro 1 apresenta que 4 (66,6%) dos gols foram para colocar uma equipe na frente do placar, 1 (16,7%) serviu para empatar e 1 (16,7%) para aumentar a diferença de quando a equipe marcadora já estava vencendo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No total dos escanteios analisados apenas 28,0% foram finalizados, em que 60,0% das finalizações foram para fora da meta, 17,8% entre as traves e 13,3% terminaram em gols, o que representa na amostra geral apenas 3,8% dos escanteios terminaram em gol.

O rendimento esportivo é dependente de vários fatores como psicológicos, físicos, táticos, técnicos e antropométricos, o que está diretamente ligado aos padrões dos escanteios encontrado neste estudo, que de modo geral apresentaram um padrão. De modo geral, os escanteios na maioria das vezes foram cobrados de um modo direto a área e em situação que o jogo se encontrava empatado, com a bola sendo enviada predominantemente na primeira trave com a finalização terminada a partir de um cabeceio na maioria das vezes e com todos os escanteios com inferioridade numérica por parte da equipe atacante.

As principais dificuldades encontradas no estudo são as discussões com dados de outros estudos, principalmente em relação à forma que os autores definem para apresentar seus valores percentuais. No entanto, o estudo apresenta variáveis que podem auxiliar analistas e técnicos a estudarem melhor os escanteios de seus adversários e assim treinar e organizar sua equipe para se defender ou atacar.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Chis; SALLY, David. **Os números do jogo: porque tudo que você sabe sobre o futebol está errado**. São Paulo: Pararela, 2013. 353 p.

BAYER, Claude. **O ensino dos desportos coletivos**. Lisboa: Dinalivros, 1994.

BORRÁS, David; BARANDA, Pilar Sainz de. Análisis de córner en función del momento del partido en el mundial de Corea y Japon 2002. **Cultura, Ciência y Desporte: Revista de Ciência de La Actividad Fisica de La Universidad Católica de San Antônio**, Murcia, v.1, n.2, p.87-93, abr. 2005.

CALICCHIO, Leandro et al. Análise da incidência de gols no campeonato paulista 2009: SÉRIE A1, A2 e A3. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol: Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício**, São Paulo, v. 2, n. 4, p.42-47, abr. 2010.

CASAL, Claudio et al. Analysis of Corner Kick Success in Elite Football. **International Journal Of Performance Analysis In Sport**, Cardiff, v. 15, n. 2, p. 430-451. Jan. 2015.

CASTELO, Jorge. Análise do conteúdo do jogo de futebol. Identificação e caracterização das grandes tendências do futebol atual. **Motricidade Humana**, Lisboa, v.1, n.13, p. 103-112, 1986.

CASTELLANO, Julen; LAGO, Carlos; CASAMICHANA, David. The Use of Maescanteioh Statistics that Discriminate Between Successful and Unsuccessful Soccer Teams. **Journal Of Human Kinetics**. Pontevedra, Spain, p. 139-147. mar. 2012.

CUNHA, Nuno Gabriel Saraiva Rocha da. **A importância dos lances de bola parada (escanteios, faltas, pênaltis) no futebol de 11: Análise de situações finalizadas com gol na 1º liga portuguesa 2005/06 e no campeonato do mundo**. 2007. 76 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Porto, 2007.

CHIMAZZO, João Guilherme Cren; SEABRA JUNIOR, Luiz. Fundamentos técnicos: iniciação e treinamento. In: ARRUDA, Miguel de et al. **Futebol: ciências aplicadas ao treinamento**. São Paulo: Phorte, 2013. Cap. 24. p. 423-437.

DIOS, Rubén Maneiro. **Análisis de las acciones a balón parado en el fútbol de alto rendimiento: saques de esquina y tiros libres indirectos.**: Un intento de indentificación de variables explicativas. 2014. 365 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências do Deporte e Educación Física, Universidade da Coruna, La Coruna, 2014.

FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE FOOTBALL ASSOCIATION (Brasil). Confederação Brasileira de Futebol (Org.). **Regras de futebol 2015-2016**. 2015.

Disponível em: <<http://www.cbf.com.br/arbitragem/regras-futebol-e-livros/livro-de-regras-2015-2016-portugues#.V2wHI9lrK00>>. Acesso em: 23 jun. 2016.

GARGANTA, Júlio Manuel. **Modelação táctica do jogo de Futebol**: Estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento. 1997. 318 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Porto, 1997.

GARGANTA, Júlio Manoel. Análise do jogo em futebol. O caminho evolutivo das concepções, métodos e instrumentos. **Revista de Entrenamiento Deportivo**, Tomo, v. 14, n.2, p. 5-14, 2000.

GARGANTA, Júlio Manoel. A análise da performance nos jogos desportivos. Revisão acerca da análise do jogo. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 1, p.57 - 64, 2001.

GIL, André Filipe Pereira. **Futebol: Análise do resultado final**: Estudo de quatro ligas profissionais europeias. 2012. 210 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Faculdade de Educação Física e Desporto, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2012.

LAMES, Martin; MEGARRY, Tim. On the search for reliable performance indicators in game sports. **International journal of performance analysis in sport**. Cardiff, v.7, n 1, 62-79, 2007.

LEONARDO, Lucas. **O desenvolvimento de modelos de análise do jogo através da compreensão do jogo**. 2005. Disponível em: <<https://pedagogiadohandebol.files.wordpress.com/2008/01/desenvolvimentodemodelosdeanalisedojogo.pdf>>. Acesso em: 22 ago. 2016.

LUHTANEN, Pekka. Evaluacion física de los jugadores de fútbol. **Apunts, Educación física y deportes**, Catalunya, v. 21, p. 99-101, 1984.

MONTANO, Andrés Santos Guevara. **Análise de desempenho no futebol**. 2014. Disponível em: <<http://universidadedofutebol.com.br/analise-de-desempenho-no-futebol/>>. Acesso em: 05 out. 2016.

PIVETTI, Bruno. **Periodização táctica**: o futebol arte alicerçado em critérios. São Paulo: Phorte, 2012. 296 p.

PULLING, Craig. ROBINS, Matthew, RIXON, Thomas. Defending Corner Kicks: Analysis from the English Premier League. **International Journal of Performance Analysis in Sport**, Cardiff, v. 13, n.1, 135-148. 2013.

RAMOS; OLIVEIRA. Futebol: classificação e análise dos gols da EuroCopa 2004. **Revista Brasileira de Futebol 2008**. Londrina, v. 1, p.42 - 48, 2008.

ROCHA, Thiago Martinho Dias. **A Importância das "situações de bola parada" na finalização com êxito no futebol**: Estudo realizado na 2ª volta da liga portuguesa

da época 2008/2009. 2009. 79 f. Monografia (Especialização) - Curso de Educação Física, Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Porto, 2009.

SIEGLE, Malte; LAMES, Martin. Game interruptions in elite soccer. **Journal Of Sports Sciences**. Munique, v. 30, n.7, p. 619-624. Abril 2012.

SILVA, Pedro Miguel Moreira Oliveira e. **A Análise do Jogo em Futebol**: Um estudo realizado em clubes da Liga Betandwin.com. 2006. 288 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2006.

VIEIRA, Rafael; CORREA, Thiago. **Análise de desempenho no futebol**. 2008. Disponível em: <<http://universidadedofutebol.com.br/analise-de-jogo-no-futebol/>>. Acesso em: 14 nov. 2016,